



## Eleições Municipais 2024

# Planalto minimiza avanço do bolsonarismo

Após reunião com Lula para balanço do pleito, Padilha desdenha das vitórias de aliados do ex-presidente nas capitais e enaltece “frente ampla” do chefe do Executivo. Ministro também ressalta que PT teve aumento de 40% de prefeitos eleitos no país em relação a 2020

» VICTOR CORREIA

O ministro da Secretaria de Relações Institucionais (SRI), Alexandre Padilha, minimizou o avanço de aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro nas capitais brasileiras nas eleições municipais. Ele optou por dar destaque ao crescimento dos partidos de centro-direita, que compõem a gestão federal, e classificou o resultado como uma vitória governista. Porém, muitos dos candidatos vitoriosos do Centrão não são aliados do Planalto. Alguns, inclusive, se colocam como oposição.

“O governo do presidente Lula lidera uma frente ampla com líderes que derrotaram o bolsonarismo. Sabemos da força da extrema-direita no país. Ninguém nega essa força, ninguém nega a capilaridade nacional dessa força”, admitiu. “Agora, acreditamos que, no segundo turno, nossas lideranças têm todas as condições de derrotar, inclusive, a extrema-direita.”

Padilha participou de reunião convocada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para discutir o cenário pós-primeiro turno. Compareceram também os ministros que atuam na articulação política e os líderes do governo no Congresso.

Nas capitais, Lula emplacou dois aliados: Eduardo Paes (PSD), no Rio de Janeiro, e João Campos (PSB), no Recife. Para o segundo turno, foram cinco. Já o bolsonarismo obteve sete prefeituras e levou 14 postulantes à próxima rodada. Além disso, legendas de centro-direita, como PSD, MDB, União e PP, conseguiram aumentar consideravelmente seu número de prefeitos.

Apesar disso, Padilha fez um diagnóstico positivo para o PT, citando que o partido teve um

aumento de 40% nos prefeitos eleitos em todo o país em relação ao registrado em 2020. Também declarou que as eleições municipais não influenciam na governabilidade ou nas eleições nacionais.

“Tem um crescimento muito importante, só o PT teve um aumento de mais de 40% em relação a prefeituras, que se alarga agora em relação ao que era 2020. O conjunto de partidos que apoiam o governo, com lideranças que têm ministros, também tiveram um crescimento expressivo, o que mostra que esse conjunto de partidos tem um enraizamento importante nas eleições municipais, na sua grande maioria nos municípios, tem o tema local como tema central da disputa”, sustentou.

Ele criticou Bolsonaro, que, segundo afirmou, “foi derrotado no seu condomínio” — uma referência à derrota do candidato do PL, Alexandre Rangel, na disputa pela prefeitura do Rio de Janeiro contra Eduardo Paes, reeleito no primeiro turno.

“Lideranças que compõem essa frente ampla do governo, que apoiam o presidente Lula, derrotaram os ícones da extrema-direita no ninho do bolsonarismo, na cidade do Rio de Janeiro”, frisou.

### Otimismo

Padilha disse que o PT está otimista em relação à disputa em Fortaleza, onde o deputado estadual Evandro Leitão (PT) enfrenta o deputado federal André Fernandes (PL) no segundo turno. “Achamos que ele é favorito”, destacou.

Questionado sobre a participação de Lula nas campanhas, o ministro negou que tenha havido baixo engajamento — o presidente só esteve na capital paulista no período eleitoral — e garantiu

Victor Correia/CB/D.A. Press



Alexandre Padilha (E) com Randolfe Rodrigues: ministro disse que “não existe relação direta entre eleição municipal e nacional”



**Sabemos da força da extrema-direita no país. Agora, acreditamos que, no segundo turno, nossas lideranças têm todas as condições de derrotar, inclusive, a extrema-direita”**

**Alexandre Padilha, ministro das Relações Institucionais**

que o petista participará dentro das possibilidades de sua agenda. Ao mesmo tempo, enfatizou haver diversos compromissos no horizonte, incluindo viagens.

No domingo, a presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, afirmou que o resultado do primeiro turno mostrou um processo de “reconstrução” do PT e o “vigor” do partido.

“O PT mostrou seu vigor, sua vitalidade, a vontade de participar do processo democrático e

esse momento tão bonito que são as eleições”, declarou Gleisi, em transmissão do canal do partido no YouTube. “A eleição de 2016 foi difícil, a de 2020 foi difícil e, agora, a de 2024 mostra um processo de reconstrução do PT no processo eleitoral local, o que é muito importante. Vamos eleger mais prefeitos do que fizemos em 2020. Vamos participar de várias cidades no segundo turno”, emendou. (Com Agência Estado)

## PSD mostra força, apesar da resistência no Congresso

» JULIA PORTELA

O PSD foi a sigla que mais elegeu prefeitos no primeiro turno das eleições municipais. Foram 882 candidatos vitoriosos nos 5.569 municípios em que houve disputas. O partido também saiu vitorioso nas capitais: emplacou três prefeituras: Eduardo Paes, no Rio de Janeiro; Topázio Neto, em Florianópolis; e Eduardo Braide, em São Luís.

Com isso, o PSD, presidido pelo ex-prefeito de São Paulo Gilberto Kassab, avançou contra o MDB, que ocupava o primeiro lugar no ranking desde 2000. O MDB elegeu 833 prefeitos neste ano.

No Congresso, o principal expoente do PSD é o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG). A participação dele nas campanhas de correligionários foi tímida — o senador passou em Brasília a maior parte do período antes do primeiro turno.

Parlamentares do PL chegaram a fazer um movimento contrário à eleição de candidatos do PSD por causa de Pacheco. Em 21 de setembro, os deputados

federais Nikolas Ferreira (PL-MG) e Gustavo Gayer (PL-GO) publicaram em suas redes sociais uma imagem com a legenda #55não, em referência ao número do partido do presidente do Congresso. “O partido que sustenta a ditadura de Moraes”, afirma a publicação, numa referência ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF).

A razão foi que, além de Pacheco não ter pautado o pedido de impeachment de Moraes, parlamentares do PSD não assinaram o documento que demanda a saída de Moraes do Supremo.

O pedido de cassação de Moraes, assinado por 152 deputados, tem a adesão de 36 senadores.

### Câmara

A vitória do PSD nas urnas também pode ter consequências na eleição do próximo presidente da Câmara. A votação ocorrerá em fevereiro de 2025, mas é tema recorrente de discussões no Congresso há tempos.

Nos últimos meses, três pré-candidatos — Marcos Pereira

Jefferson Rudy/Agência Senado



O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, é o principal expoente do PSD no Congresso

(Republicanos-SP), Elmar Nascimento (União Brasil-BA) e Antonio Brito (PSD-BA) — se colocaram como postulantes à sucessão de Arthur Lira (PP-AL).

Brito, no entanto, perdeu espaço, assim como os demais,

com a chegada de Hugo Motta (Republicanos-PB) ao campo de negociações. Lira indicou, em um almoço em setembro, que apoiaria o nome de Motta em 2025.

Inicialmente, o preferido do

presidente da Câmara era Elmar Nascimento. Como a candidatura dele enfrenta forte oposição entre os partidos que compõem o Centrão, e o nome do líder do PSD, Antônio Brito, também não decolou a ponto de despontar

como um candidato competitivo, Lira mudou o rumo da conversa e, agora, reforça a posição de Motta. No União Brasil, a mudança de rota do presidente da Câmara está sendo interpretada por parlamentares como uma espécie de traição.

Brito também perde força dentro do próprio partido com uma série de derrotas que colecionou nesse primeiro turno. Na última semana, o deputado focou nas cidades de Jaguaquara, Jequié, Contendas do Sincorá, Maracás, São Sebastião do Passé, Lajedo do Tabocal, Itapetinga e Manoel Vitorino. Desses municípios, seus aliados venceram apenas em São Sebastião do Passé.

Ainda na Bahia, seu estado de origem, Brito tentou atrair apoio para candidatos do PT e do MDB, siglas de quem busca apoio para 2025. O deputado apoiou Geraldo Júnior (MDB) em Salvador, Zé Neto (PT) em Feira de Santana, Waldenor (PT) em Vitória da Conquista, Caetano (PT) em Camaçari e Celso Carvalho (PSD) em Juazeiro. A única vitória foi em Camaçari.